

Concepções da sexualidade romana na Inglaterra Vitoriana.¹

Renata Cerqueira Barbosa²

Ao considerar o significado das maneiras como a imagem do romano foi usada na Inglaterra é importante ter em mente o contexto europeu desta experiência inglesa. Sabemos que a construção do passado nunca foi uma atividade imparcial. Roma teve um lugar especial na definição da história e do pensamento europeu. A elite de várias nações ocidentais, durante os séculos XVI ao XX, usaram a imagem de Roma para ordenar caminhos para o desenvolvimento da educação, arte, arquitetura, literatura e política. Alguns trabalhos populares vitorianos ou do início do século XX sugeriam que os romanos clássicos passaram para os ingleses uma civilização que se dirigiu quase que diretamente para o estado moderno inglês. Partindo deste pressuposto, o objetivo deste trabalho é analisar como os vitorianos interpretaram a sexualidade romana, bem como, a conduziram no que diz respeito a construção da moral sexual do período.

O meio século transcorrido de 1851 a 1901 é o período mais glorioso do reino de Vitória, depois do seu difícil começo no que diz respeito a crises relacionadas ao movimento cartista, combate de Cobden e de sua liga pelo livre-câmbio, e outros problemas inerentes a primeira sociedade industrial do mundo. De acordo com Monica Charlot e Roland Marx, Londres em 1851, ao organizar sua Exposição universal, aparece como a revelação da superioridade esmagadora do Reino Unido. Esta é a "primeira nação industrial", cuja população, na Inglaterra e no País de Gales, já é, em sua maioria, composta de cidadãos: o recenseamento de 1851 evidencia esse fenômeno propriamente revolucionário. De súbito, os britânicos se dão conta do seu avanço tecnológico, e os povos do mundo reconhecem que não poderiam alcançá-lo. Começa a época da soberba orgulhosa, e logo Palmerston,

¹ Texto elaborado como parte do projeto de Doutorado.

primeiro ministro naquele momento, poderia proclamar que o cidadão britânico se tornara o novo *civis romanus*. A altivez se tinge de angústia. A sociedade recupera com dificuldade seu equilíbrio, algumas vezes à custa do sacrifício de antigos valores, entre os quais os religiosos: o *religious census* de 1851, permite mensurar o abalo. A metade dos ingleses, três quartos dos habitantes das cidades e das zonas industriais ali aparecem como descristianizados.³

Cidade de todas as indústrias, exceto da metalurgia pesada, ela sofre os efeitos de todas as crises, que lhe valem além disso o afluxo dos sem-trabalho expulsos de outros lugares pelos cercamentos; oferece o terreno mais favorável às idéias e aos movimentos progressistas e revolucionários. Em pleno período de prosperidade, sua riqueza se ostenta na medida da concentração do capital e de seus mais belos representantes no estreito perímetro da *City*, e também em todos os locais onde o luxo das residências e do comércio se manifesta. Essa riqueza é um insulto ao excesso de miséria dos verdadeiros pátios dos milagres, desenhado em 1869 por Gustave Doré.⁴

Centro de todas as atividades de lazer, desde as mais tradicionais como os *pubs*, os clubes, os espetáculos esportivos, é a iniciadora de novas e grandes festividades populares. Londres é também uma "babilônia do norte" nas palavras dos autores, reunindo todos os vícios, do jogo à prostituição e à droga. Fascina escritores e artistas, é a sede natural dos "acadêmicos" e dos rebeldes, a exemplo da fraternidade pré-rafaelista, e serve de trampolim para as glórias literárias.⁵

² Professora colaboradora do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina.

³ CHARLOT, Monica; MARX, Roland. (org.) "A sociedade "dual" por excelência." In: *Londres, 1851-1901 A era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, pp. 13.

⁴ Idem, p. 14.

⁵ Idem, ibidem.

Impressões de horror ou de admiração, medo e alegria foram comuns entre os descobridores da Londres vitoriana. Há um conjunto de valores que alguns autores qualificam de puritanos, outros de moralistas, que correspondem nas classes médias, a uma herança de dois séculos. Figuram em primeiro lugar o espírito de economia, a dedicação ao trabalho, a extrema importância atribuída a moralidade e também há uma preocupação muito atenta com os deveres da fé. Por outro lado, para uma sociedade movida pelo espírito de progresso, acrescenta-se uma sede de saber e de entusiasmo crescente por todas as inovações técnicas. Neste contexto, a pobreza é freqüentemente ligada ao vício, à preguiça, aos excessos: daí uma grande rigidez quando se trata de ajudar os carentes, um intervencionismo social dos mais moderados, uma caridade limitada a casos individuais. Com a repulsa ao vício toca-se no grande tabu vitoriano: o sexo, e conseqüentemente a família.

Por volta de 1860, a burguesia e a Aristocracia admitem o controle da natalidade, o que facilita a descoberta de preservativos de borracha, e que saindo do campo dos "segredos vergonhosos", vê os métodos revelados por médicos e amadores, dos quais os mais célebres são, nos anos 1871, Annie Besant e Charles Bradlaugh.⁶A diminuição do número de filhos caracteriza as classes trabalhadoras já nas duas últimas décadas do século, e um malthusianismo real denuncia um comportamento "racional" em matéria de relações sexuais. O divórcio é legalmente possível, facilitado pela lei de 1857, mas ainda reservado aos que podem pagar as pesadas despesas do processo.

Entretanto, nunca se exaltou tanto o lar, o papel da mãe, verdadeira "madona". Raramente também se denunciou com mais violência, como nos fins dos anos 1860, a vergonha da prostituição e dos males que ela causa, e, embora a "amizade viril" seja ainda apreciada, nunca se estigmatizou tanto o comportamento

público dos homossexuais e se infligiu aos culpados penas tão severas que causavam a completa desonra social: Oscar Wilde, por tanto tempo a coqueluche da sociedade londrina, condenado a dois anos de trabalhos forçados em 1895, o sentiu na própria pele.⁷

No entanto, graças à difusão da imprensa e da alfabetização, nunca o público leitor teve tanto acesso a histórias "ligeiras", de pequenos folhetins eróticos e de relatos de certas façanhas inventadas ou reais. Nunca a sociedade das prostitutas foi tão diversificada, indo da simples mulher das ruas à mais sedutora das mulheres. Chega-se ao ponto de se afirmar que a prostituição era a contrapartida indispensável da solidez da família, nascida de um casamento racional que unia um homem sensual e uma esposa educada no desprezo ao ato sexual, e que se baseava num código de relações em que os papéis eram cuidadosamente distribuídos entre o marido-mantenedor e a esposa-dona-de-casa; a célula familiar só se sustentaria porque os homens à procura de prazer poderiam entregar-se a prazeres "condenáveis" na rua, para serem apenas adoráveis pais e esposos em casa. De acordo com os autores, é por isso que se diz muitas vezes que a era vitoriana (ou albertiana)⁸ foi a era da hipocrisia.

A sexualidade reprimida também acarretava outras conseqüências. A compensação proposta aos desejos insatisfeitos e às energias recalçadas podia ser o trabalho, o serviço prestado aos outros - inclusive ao estado - o entusiasmo pelas explorações, pelas viagens e até pela conquista. Citando as historiadoras Kathy Peiss e Christina Simmons, a sexualidade não é "uma realidade biológica imutável ou uma força natural universal, mas antes o resultado de um processo político, social,

⁶ Idem, p. 16.

⁷ Idem, p. 17.

⁸ Idem, ibidem. De acordo com alguns historiadores, o príncipe Alberto contribuiu mais para a definição da moral vitoriana, do que sua esposa, então mais tolerante, realista e mais atenta à procura do lazer e do prazer, que o príncipe Alberto.

econômico e cultural".⁹ Ou seja, a sexualidade tem uma história. Enquanto certos padrões de comportamento e de significação prevaleceram durante muito tempo, outras práticas manifestam uma variabilidade considerável. Mesmo a proibição do incesto, supostamente a pedra de toque dos tabus sociais, expandiu e estreitou de forma muito variável os limites das relações sexuais permissíveis no decurso da história européia.

As culturas sexuais do século XIX exemplificam o caráter socialmente construído da sexualidade. A sexualidade do século XIX era um terreno de viva contestação, onde se jogavam, tanto em privado como em público, conflitos de classe, de raça e de sexo. Através de pânico moral, de escândalos sexuais e de medidas legislativas, diversos grupos sociais e interesses profissionais tentaram alargar a sua autoridade política e cultural. Ao mais alto nível público, homens e mulheres participaram em lutas que contribuíram também para redefinir a sua identidade e subjetividade mais privada.¹⁰

Quando os vitorianos falavam de sexo, referiam-se sobretudo ao perigo sexual, à proliferação de práticas sexuais fora da santidade do lar, desligadas do ato procriador. No entanto, esta explosão discursiva estava também ligada a tensões em torno da mudança relativa à norma conjugal da classe média; a queda brusca das taxas de natalidade tornou cada vez mais evidente que o leito conjugal se estava também a tornar um local de sexo não procriador, de intimidade pessoal e de crescimento individual. Por causa das suas implicações para a feminilidade normativa, o sexo não procriador no contexto do casamento mostrou-se tão perturbante para os vitorianos como a expansão do sexo comercial e as relações entre indivíduos do

⁹ Kathy Peiss, Christina Simmons, "Passion and Power", in: *Passion and Power: Sexuality in History*. Filadélfia, Temple university Press, 1989, p.3. APUD: WALKOWITZ, Judith R. "Sexualidades Perigosas" in: **História das Mulheres no Ocidente: O século XIX**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 404.

¹⁰ WALKOWITZ, Judith R. "Sexualidades Perigosas" in: **História das Mulheres no Ocidente: O século XIX**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 403.

mesmo sexo fora da domesticidade heterossexual. Ao mesmo tempo em que aumentava entre a classe média o culto da domesticidade, celebrava-se a verdadeira mulher burguesa como mãe e negava-se insistentemente a sexualidade feminina não reprodutora. No decurso do século XIX este modelo classista de sexualidade feminina tornou-se cada vez mais somático, apoiado pela opinião das autoridades médicas, ansiosas por estender a sua autoridade cultural ao corpo da mulher. Embora os médicos discutissem o grau de passividade feminina, tinham no entanto tendência para atribuir à mulher respeitável uma sexualidade secundária, em segunda mão, subserviente do prazer masculino, sem autonomia própria, uma pálida imitação do desejo erótico masculino.¹¹

Neste contexto em que acontecia uma revolução no pensamento vitoriano, no que diz respeito a economia liberal, a política imperialista e questões sociais contraditórias, levando em conta movimentos operários e teorias liberais, nos deparamos com a imposição de uma moralidade contraditória a uma evolução no que diz respeito a sexualidade, ao casamento, a família e principalmente a mulher.

De acordo com Bernard Richards, Londres não foi o centro único e incontestável da vida literária, como as capitais de outros países. Nunca teve a predominância quase total de que gozou Paris. Mas ao mesmo tempo, durante a segunda metade do século XIX, Londres desempenha um papel primordial: é ali que vive a maioria dos homens de letras, é ali, em muitos casos que se situa principalmente a ação de numerosos romances, peças de teatro e poemas. A vida literária é organizada de modo menos formal do que em outros países; não há uma academia de letras e não há salões célebres, é nos *pubs* e cafés que se reúnem os escritores, onde se encontra o Círculo dos fazedores de rimas, nos anos de 1890, ou

¹¹ Idem, p.404.

onde Oscar Wilde recebe sua corte. Não se pode pois fazer um panorama da vida literária entre 1850 e 1890 sem se falar de Londres.¹²

Desta forma, Londres vivendo todas as contradições que uma modernidade pode causar, bem como o crescimento do mundo literário, tende-se a construir uma justificativa para as questões vivenciadas no momento. Uma das formas é o retorno a interpretação da literatura clássica, principalmente no que diz respeito a Roma Clássica, em que foram redesenhadas para ajudar a definir as idéias da origem inglesa e a justificativa do imperialismo britânico. Como já foi dito, Roma teve um lugar especial na definição da História e do pensamento europeu. Sua capacidade de prover imagens múltiplas, mutáveis e conflituosas foi quase ilimitada; isto a tornou uma fonte rica para dar sentido - e para desestabilizar - a História, a política, a identidade, a memória e o desejo.¹³No caso, é a este último que voltaremos nossa atenção. Muitos autores romanos clássicos foram lidos neste momento para dar legitimidade a uma possível herança imperial romana aos britânicos. E as questões relacionadas a sexualidade e ao amor dos romanos, como foi interpretado pelos vitorianos? Neste caso, analisaremos um poeta latino do século I d.C., que muita repercussão teve tanto no seu momento histórico, quanto para os que o leram a posteriori. Trata-se de Públio Ovídio Nasão, mais conhecido como Ovídio.

De acordo com Norman Vance¹⁴, No século XIX, o prestígio de Ovídio caiu a níveis muito baixos. Segundo ele, esta generalização quanto ao prestígio de Ovídio é plausível principalmente se considerarmos a sombra que Homero e os Eruditos gregos revitalizados lançaram sobre quase toda a poesia latina nesse

¹² RICHARDS Bernard. "Escritores, pubs e cafés" in: CHARLOT, Monica; MARX, Roland. (org.) *Londres, 1851-1901 A era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, pp. 98.

¹³ HINGLEY, Richard. "Concepções de Roma: uma perspectiva inglesa." IN: *Textos Didáticos - Repensando o Mundo Antigo*. ifch/Unicamp, nº 47 - março de 2002, p. 29.

¹⁴ VANCE, Norman, "Ovid and the nineteenth century." In: MARTINDALE, Charles. *Ovid Renewed : ovidian influences on literature and art from the Middle Ages to the Twentieth Century* / edited by Charles Martindale. P. 215 - 232.

período, no entanto, isso não é inteiramente verdadeiro e se aplica muito ao século XIX. A aprovação da crítica nunca foi universal e mesmo na antiguidade e nos meados do séc. XVIII, o entusiasmo por Ovídio parece que foi esmorecendo para não dizer deturpado. Em 1770, o jovem Goethe viu que era impossível convencer Herder de que *Metamorphosis* possuía alguma qualidade. Por outro lado, Ovídio continuou a ser parte do que qualquer aluno conhecia, o ponto de partida do aprendizado do início da poesia latina e parte do pensamento da época e sentimentos expressos por escritores e pintores.¹⁵

Parte da dificuldade de se acessar o significado de Ovídio no séc. XIX é que ninguém consegue vê-lo por si só. Sua influência quase sempre é mediada, às vezes por antigas pinturas com elementos Ovidianos como as de Polidoro da Andrômeda de Caravaggio que assombrava o jovem Browning ou a morte de Piero de Cosimo de Pocris que inspirou um poema de Austin Dobson. Mesmo sem os pintores, outros poetas, tradutores, comentaristas e compiladores sempre se interpunham entre Ovídio e o leitor do séc. XIX. Chaucer, Shakespeare e Milton, Natalie Comes, Geoge Sandys e John Leprière, nas palavras de Vance, todos agruparam desconcertantes fileiras de lentes coloridas e espelhos mais ou menos distorcidos em torno de Ovídio. Como Lemprière cuidadosamente detalha e as referências tornam claras, Ovídio estava longe de ser a única fonte disponível de informações sobre questões mitológicas mesmo sendo por longo tempo a mais importante e conveniente. Havia mais autoridades neste assunto tanto Gregas quanto latinas.¹⁶

Outro problema é a desintegração de Ovídio no século XIX. Sua poesia e o poeta se afastaram muito do conhecimento popular. Ovídio, o libertino, o sofisticado, o diplomata do cerco do amor, que tinha a tendência de se distinguir do

¹⁵ Idem, p. 215

¹⁶ Idem, p. 216.

Ovídio das quase desconhecidas fontes mitológicas altamente convenientes, muitas vezes decorativas e perturbadoras. Isso tudo, sem falar do perturbador e elegante compositor de versos que era Ovídio. É desnecessário dizer que esse desenvolvimento embotou a sensibilidade para a verdadeira poesia. Isso também produziu um infeliz e curioso efeito de tornar Ovídio simultaneamente detestável como personalidade e quase invisível como poeta. Antes de considerarmos a influência da poesia, deveríamos talvez levar em conta os efeitos do século XIX sobre o homem.

Genericamente falando, nas palavras de Norman Vance, Ovídio era considerado como um degenerado e numa idade de degeneração, o frívolo autor do 'poema mais imoral jamais escrito'. Pode-se ser tentado a culpar pela lenda persistente de Ovídio como libertino, o entusiasmo do séc. XIX por biografias moralizantes como sendo a melhor maneira de entender tudo. Carlyle havia ensinado que a história do mundo nada mais era do que a biografia de grandes homens: a monumental *Vida de Milton* (1859-80) e *Shakespeare* de Edward Dowden (1875) aplicaram a lição à história literária e à crítica. Nesse clima, era quase inevitável que Ovídio devesse aparecer como poeta romântico ou exilado com justiça por causa de um livro iníquo e provavelmente pela vida iníqua que o capacitou a escrevê-lo. Karl Marx e Flaubert acharam natural identificar despreocupadamente Ovídio e seu exílio sem pensar muito em Ovídio como poeta. Mas segundo Martindale, Ovídio permitiu essa abordagem superficial de sua biografia através de sua persistente autodramatização.¹⁷

Suas narrativas de exílio, criaram-lhe um papel familiar de solitário esteta caído entre os filisteus. Ele nos assegura que sua queda veio por causa de um poema, o *Ars amatoria* e um "erro" misterioso. Seria apenas humano assegurar a existência desse poema e especular qual seria esse erro. Nos "Amores", logo no início de sua carreira, ele descreve o que pretendia ter como seus próprios amores. Mais

tarde, na amargura da desgraça, ele desenlaça para nós uma versão atraente de sua volátil (porém, respeitável), vida amorosa no casamento que foi arruinada pelo exílio. Ovídio insiste em dizer que sua vida foi mais moral que seu verso, mas a própria insistência, de alguma forma incentivou a fofoca cética. Ovídio, o escandaloso e espirituoso exilado, senão "mau, louco e perigoso de se conhecer" como disse Lady Caroline Lamb de Lord Byron, ainda se apresenta como um Byron Romano¹⁸, convidando esse tipo de influência e desaprovação, mais biográfica que textual, que Byron atraiu leitores do séc. XIX.¹⁹

O palco da Roma do séc. XVII faz referência aos poetas clássicos Romanos naturalmente, mas o padrão de referência a Ovídio emerge gradualmente como uma estratégia para se estabelecer culpa por associação. O exílio do cônego Giusepe Caponsachi é associado ao de Ovídio para sugerir uma desgraça comum através da má conduta sexual. Ovídio continuou a ser uma influência importante como base para a literatura do séc. XIX, mas sua reputação ruim o manteve longe dos palcos. Ovídio era o poeta experimentado no amor que sabia tudo sobre mulheres abandonadas e as vergonhosas experiências da velha mitologia. Ovídio, o transgressor da moral e da estética sobrepujou Ovídio, o poeta espirituoso e elegante para quase todos, exceto para Walter Savage Landor, cujo republicanismo sólido e *anti-establishment*, um prazer para os poetas posteriores como Swinburne, que deu a ele uma inclinação natural por transgressores, particularmente se tivessem estilo. No entanto Swinburne disfarçou seu paganismo ostensivo com a mediação do helenismo e manteve Ovídio nos bastidores. Na época, era assim que se tratava Ovídio, mas por trás da fachada, Ovídio está solidamente presente. Muito do material mitológico

¹⁷ Idem, p. 217.

¹⁸ Lord George Gordon Byron, personificou o movimento romancista no que expressava de rebeldia, violência, paixão e provocação. Considerado um libertino para os padrões morais do séc. XIX, viveu grande parte de sua vida no exílio, principalmente na Itália.

¹⁹ VANCE, Op. cit. P. 217.

utilizado no poema dos autores citados, é silenciosamente tomado emprestado de *Metamorfosis*.²⁰

Segundo Vance, Ovídio contou histórias da mitologia mais lúcida e dramaticamente do que a maioria de seus prosaicos e obscuros predecessores, e essa é a razão por ele ser considerado clandestinamente. Mas Heder objetou que a narrativa ordenada elegantemente e que tinha inflamado a imaginação de Goethe, tenha sido meramente derivada de outros autores mais 'autênticos' mais próximos à matéria prima. Apesar dos clamores de Goethe, ele não podia aceitar a *Metamorfose* como 'natural' pela virtude de ser uma criação poética e rejeitou-a como uma visão válida da realidade. Goethe no entanto, não era uma voz solitária. O grande crítico Francês Saint-Beuve se interessou consideravelmente por Ovídio a ponto de considerá-lo como objeto de sua palestra inaugural no College de France, embora no final tenha mudado para Virgílio. Como Goethe, ele não considerava a poesia de Ovídio muito inferior a obra original de gênios como Homero e Shakespeare, guardando as proporções. Ovídio pertencia a uma categoria à parte, entre os escritores estudiosos e artistas meticulosos, Cícero, Tibulo ou Dryden e Prévost.²¹

Ovídio foi parte da consciência literária Vitoriana e Romântica mas em partes descartáveis e convenientes. Poetas, pintores e escritores de peças líricas, todos encontraram em Ovídio um recurso imaginativo útil que raramente falharam em reconhecer. O tempo que devora a todas as coisa, como nos diz Ovídio (*Metamorfosis* 15.234) não destruiu o Ovídio do séc. XIX. Ele o transformou como sua Aretusa²² foi transformada numa fonte para que os passantes pudessem beber quase sempre sem reconhecer a fonte.

²⁰ idem p. 220

²¹ Idem, p. 223

²² Ninfa que Diana transformou em fonte para livrá-la da perseguição de Alfeu.